

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1637 s. 9
1c)

Antonio

RELAÇÃO DE MONOGRAFIAS DE 1987, (CURSO DE HISTÓRIA)

- Movimentos Sociais: CPT; entre Igreja Conservadora e progressista.
Angela Maria Alves.
- ✕ - O Movimento da Pastoral da Terra na Região de Uberlândia. ○
Gisvane Guedes Arantes.
- Atuação Política da Comissão Pastoral da Terra: A Igreja e os Mov.Soci
Maria Helena G. Almeida.
- A Associação de Moradores de bairros e o Poder Público em Uberlândia:
Maria de Lourdes Silva. ○
- Movimento de Clubes de Mães em Uberlândia.
Marta.
- A Comissão Pastoral da Terra.
Maria Joana Costa.
- A Festa de N.S. do Rosário.
Luiz Humberto Zacharias.
- ol - Associação de Moradores e Amigos do bairro Tibery ○
Christiane dos Reis Ribeiro.
- ou - Associação dos Moradores do bairro Higino Guerra.
Márcia Cristina Tannús.
- ✕ - Manifestações Culturais populares e Ação do Poder Público em Uberlândia
x Regma Maria dos Santos.
- Espaço Urbano, industrialização e Movimentos Sociais em Uberlândia -
1959 a 1985. ○
Ronan Hungria.
- Movimentos Populares: Fundação da UTE
x Raul Marcos P. de Oliveira.
- Associação do bairro Jardim Umuarama ○
Zilda F. dos Santos.
- Associação de Moradores do bairro Santa Rosa - Liberdade
João Augusto Freitas - (Joca)

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1185
Data	04/11/95

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

LUIZ HUMBERTO ZACHARIAS

A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

UBERLÂNDIA - 1987.

Luiz Humberto Zacharias

2

A Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Trabalho realizado para aproveitamento na
disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em
História (M.T.P.H), do Curso de Graduação em
História, da Universidade Federal de Uberlân
dia- UFU.

ÍNDICE.

INTRODUÇÃO.....	pág. 01
DESENVOLVIMENTO.....	02
CONCLUSÃO.....	09
BIBLIOGRAFIA.....	10

INTRODUÇÃO.

Se no Brail já é difícil trabalhar movimentos populares urbanos, por falta de documentação, apoio e fomento à pesquisa, imagine-se então, tentar discorrer sobre os mesmos em uma cidade interiorana de médio porte, onde sequer existe uma consciência formada a respeito da importância deles para a vida cotidiana. E mais, se o tema escolhido for de cunho mais artístico-cultural, aí é que se tornará mais complicado dissertar sobre o mesmo.

Vê-se assim, que o presente trabalho, será mais uma tentativa, entre muitas, no sentido de lançar mais um pouco de luz sobre esse grande evento cultural, religioso, político e histórico, que é a festa de Nossa Senhora do Rosário, em Uberlândia.

Nesse sentido, procurou-se nesta "pesquisa", clarear um pouco a idéia das pessoas a respeito do referido tema, isto é, contar de forma sucinta a história da festa, os problemas enfrentados pelo movimento durante todos esses anos e as prováveis alternativas e estratégias vislumbradas como saídas para que o mesmo se mantenha enquanto tal.

Assim, espera-se que essa pequena dissertação possa vir a despertar novos interesses, no tocante à preservação e defesa do patrimônio artístico-cultural-religioso, dessa urbe que cresce assustadoramente, a cada dia que passa, ameaçando cortar relações com suas raízes mais profundas e dinâmicas.

DESENVOLVIMENTO.

(substituído por substituído)

No princípio, segundo a tradição oral, a festa de Nossa Senhora do Rosário, que remonta aos tempos coloniais, acontecia de ' forma "espontânea", isto é, reuniam-se alguns negros "libertos" ' que às tardes e noites corriam as fazendas e os terreiros das fa-
zendas da região, batendo as suas caixas, dando origem assim, ao ' movimento do Congado em Uberlândia, conforme relatou, o senhor Ma-
noel Rodrigues.(1)

Assim, na fala do senhor Manoel, um senhor chamado André, primeiro presidente da Irmandade, ajuntava o povo e ia manifestar a sua alegria de ser livre (liberto) e também adorar à Nossa Senhora do Rosário, que é a padroeira dos negros. "Então o sinhô dava a aquela licença prá eles vim realizá a festa e depois voltava prá co-
meçá no trabalho na segunda-feira."(2) Os festeiros faziam um per-
curso que saía de onde é hoje, as Lojas Americanas, local no qual havia uma "barriguda"(3) e daí seguiam até o sítio da igreja, hoje cidade velha, realizando a festa. Nesses primeiros tempos não havi-
a data certa, e os quatro primeiros Ternos batiam esmolas nas por-
tas das casas igualzinho Santos Reis, mas eram poucas, não dando ' para fazer a festa. Foi então, que D. Leonor Ribeiro fez uma campanha para poder ajudar os Ternos a realizar a mesma, e assim ficou. As campanhas começam em fins de setembro, mais ou menos dia vinte

(1) Entrevista feita por Márcia Junqueira, funcionária da Secretaria Municipal de Cultura, com o Sr. Manoel Rodrigues, mais conhe-
cido por Sr. Siricoco, Cap. do Terno "Moçambique de Belém", e um ' dos mais antigos integrantes da Irmandade do Rosário.

(2) Ibidem.

(3) Ibidem. Árvore de tronco muito grosso.

vão até fins de outubro. Nelas, reza-se o terço em várias casas diferentes, objetivando recolher prendas, que serão leiloadas a ca da noite. Cada Terno tem seu local na cidade definido, não podendo "invadir" o local de outro. Nove dias antes da festa, iniciam-se as novenas, que já acontecem na igreja, sendo que a cada dia ficam sob a responsabilidade de alguns festeiros, os quais serão responsáveis também, pelo recolhimento e leilão das prendas. A cada dia, um ou dois Ternos vão à igreja cantar e dançar, porém, trajando roupas comuns. Nessa data, as campanhas terminam, devido à novena e aos leilões na porta da igreja. Depois disso, os Ternos recebem uma escalação para poderem fazer a visita na igreja, ou seja, um dia é um, noutro dia outro, e outro dia outro, até passarem os nove dias. Sempre deve haver um Terno diante da igreja para fazer o movimento, a reza, e para fazer o leilão.

No meio da novena, o Capitão recebe uma carta orientando-o no Rosário, onde ele deve estar à hora exata, não podendo transgredir aquela ordem, aquele horário, uma vez que na Capela realizar-se-á a missa às dez da manhã, com a presença da Rainha da Bandeira, representada por duas meninas que carregam a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário e de S. Benedito. Assim, o horário deve ser cumprido à risca, pois os Ternos têm que ir até onde está a Rainha da Bandeira, pegar a Bandeira, passar na casa do Presidente, de lá se reunir com os outros Ternos todos, isto para os Ternos da parte de cima, já que os do Patrimônio não teriam tempo para chegar até aí em cima, ou seja, eles esperam pelos outros lá de cima, numa praça no centro da cidade, onde encontram-se com aqueles. Quando são nove e meia, os Ternos já estão todos prontos e em posição de chegar na Capela, já com a Rainha da Bandeira. Então, os Ternos chegam na porta da igreja, entregam a Rainha da Bandeira e o padre inicia a celebração da missa às dez horas em ponto. Depois da missa, levanta-se a Bandeira que é o símbolo da festa que se iniciou.

Terminado o hasteamento da bandeira, os Ternos se dirigem para seus Quartéis, onde cada Capitão tem que ter seu comando no bolso para saber qual é a festeira que terá que descer e levar à tarde para a procissão, que é aquele desfile que se faz pelas avenidas principais da cidade. Desse modo, após a concentração na ca-

sa do presidente da Irmandade, para o pedido de "Bênção", os Ternos descem a avenida para louvar os Santos, observando-se que os 'standartes de cada um devem ser carregados somente por meninas organizadas pela "Madrinha". Então, chegando à igreja, os Ternos dão a volta, saudando as autoridades e os Santos.

Em seguida, os Ternos do Moçambique entram na igreja, pegam os mastros e os levantam, tendo esta cerimônia, uma conotação de 'virilidade' e "fertilidade". Após esta, ocorre a dança dos bastões.

A dança do pau-de-fita, é executada pelos Ternos dos Marinheiros, após a qual realiza-se a missa.

Finda a procissão à tarde, realiza-se o coroamento do festeiro do próximo ano, que no altar, recebe a coroa do festeiro do presente ano. Quatro casais (dois para cada Santo), são coroados pelos anteriores e têm a responsabilidade de organizar a festa do próximo ano. Durante a cerimônia, os Ternos descansam do lado de fora da igreja. Depois da coroação, o padre benze as coroas, e todos levam o novo festeiro até sua casa guardado pelos Ternos de Congos e Catupés, tudo se repetindo no próximo ano. Após a procissão, são coroados os Santos, pelas meninas.

Na segunda-feira, fazem-se as visitas nas casas dos que ajudaram na festa e aos festeiros. Este dia é mais dedicado aos Ternos, que se responsabilizam pelas visitas tanto nas casas, quanto na igreja à noite, que é a penúltima.

Após passarem pela casa do presidente, faz-se a última visita e encerra-se a festa.

Vale lembrar também, que cada Terno tem uma função definida, ou seja, o Congo e o Catupé, são a guarda, o Moçambique leva a Coroa e os Santos e o Marinheiro, constituído só de crianças e adolescentes, realiza a dança do pau-de-fita.

Quanto aos instrumentos musicais usados, os mais comuns são a caixa ou surdo (tambores) e a Patangonga (chocalho).

Do exposto acima, principalmente com base no relato do Sr. Manoel Rodrigues, pode-se levantar algumas críticas e inferir alguns questionamentos a esse mesmo relato.

Quando ele fala da espontaneidade do movimento, ele se ne-

ga, ao citar logo abaixo, o nome do primeiro presidente da Irmandade, ou seja, esta pressupõe toda uma estrutura e organização montadas, que dirigem e tutelam o movimento. Assim sendo, não tem sentido se falar em espontaneidade.

A Irmandade foi criada após o falecimento do Sr. Manoel Angelino, avô do atual presidente, Sr. Deni do Nascimento. O Sr. Elias Francisco do Nascimento, pai do atual presidente, após o ocorrido, passou a ocupar o cargo de presidente e começou a trabalhar com o povo, a idéia de que o movimento precisava ter uma Irmandade, devido à festa ser religiosa e tradicional, tendo que possuir uma Comissão que se responsabilizasse pela mesma a cada ano. Porém, era difícil, pois os participantes moravam muito distantes, sendo complicado reuni-los todos para um trabalho conjunto, visto que só se encontravam à época festa.

Apesar de todos os contratempos e problemas, em 1952-53, Elias consegue formar a primeira Comissão. Reuniram-se na igreja do Rosário, onde o padre, na época, Monsenhor Eduardo, foi convidado a empossar a dita Comissão ou "Diretoria" da Irmandade. Isto posto, estruturou-se a primeira Comissão, tendo como presidente o Sr. Elias Francisco do Nascimento, vice-presidente o Sr. Deni do Nascimento (4), primeiro tesoureiro o Sr. Nilton Ferreira, segundo tesoureiro o Sr. Isidoro Borges, primeiro secretário o Sr. Manoel Adão da Costa, segundo secretário o Sr. João Pereira, procurador o Sr. Manoel Rodrigues, orador o Sr. José Lucas (5) e zeladoras da igreja, as Sras. Leonor Ribeiro e Dolva Ramiro. Assim, formou-se a primeira Comissão, que passou a trabalhar pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia, direcionando e orientando a partir dessa data, as atividades ligadas à mesma.

Outro aspecto que se faz necessário evidenciar, é a questão do liberto, quando o Sr. Manoel fala de "negros livres" que 'pedem licença', para seus "ex-senhores", para fazerem a festa, vide

(4) Ibidem. Na época, um garotinho de calças curtas, que brincava na poeira.

(5) Ibidem. Popular José Mateus.

rodapé nº 2, ou seja, o indivíduo era "livre", mas deveria pedir ' permissão a seu "sinhô" para vir à cidade realizar a sua festa de ' Congado, sendo esta realizada em um só dia, devendo aquele, retornar ao trabalho na segunda-feira. Que liberdade!

Com relação ao templo/monumento, sabe-se que foram edificadas três Capelas, sendo que as duas primeiras já não existem mais.

A primeira igreja se localizava em frente a praça onde hoje é o depósito das lojas Carlos Saraiva. Era muito simples, feita de pau-a-pique e Buriti. Dela partia um "triero", que ia até onde atualmente são as Lojas Americanas, aí os participantes da festa ' pegavam carro de boi, carroção de boi e voltavam para as fazendas, depois do evento.

Essa primeira igreja, ficou nesse local até que um político, o Sr. Arlindo Teixeira, que morava próximo dela, "resolveu" ' transferi-la, alegando que por ser político e na época de eleições, seus correligionários virem para comemorar ou mesmo realizar comícios, faziam muita algazarra, dando "tiros de garrucha" e andando ' a cavalo, fazendo com que espirrasse barro na igreja, numa atitude de desrespeito à Santa.

Dessa forma, o Sr. Arlindo Teixeira, chamou o padre João, ' pároco da igreja na época, e falou a ele sobre seu projeto de mudar a igreja. O padre então, disse que precisava conversar com os negros, pois eles é que decidiriam. Porém, o Sr. Arlindo "reuniu" os negros e lhes expôs seus motivos, com os quais aqueles "concordaram" e fizeram a mudança. Assim, construíram um cruzeiro de bálamo ou aroeira e em procissão carregaram-no da praça Dr. Duarte até a atual praça do Rosário, onde foi fincado, lançando-se a pedra fundamental para a segunda igreja.

Dessa fala anterior, deve-se entretanto, fazer algumas interrogações, isto é, será que o Sr. Arlindo Teixeira tinha tanto ' respeito pelo movimento, ou havia outro interesse em jogo, que foi escamoteado na fala do Sr. Manoel? Não se sabe, porém é muito provável, uma vez que os "tiros de garrucha" e o fato do Sr. Arlindo ' ter "reunido" os negros, já podem ser formas de pressionar os membros do movimento. Assim, ele já poderia ter ordenado àqueles seus "correligionários" que fizessem pressão por meio dos tiros e se ' ver livre do movimento e da igreja.

A segunda igreja, edificada na atual praça do Rosário, foi feita como é hoje, porém com a frente virada para baixo (para os lados do bairro Patrimônio), local de um antigo cemitério. A Capela era de pau-a-pique, barreada, de telha antiga comum, com o sino dependurado do lado de fora, no baldrame da igreja. É questionável, por que foi edificada em terreno de cemitério.

Já a Capela atual, a terceira igreja, foi construída com donativos, patrocinada principalmente pelo industrial João Naves de Ávila, um ex-comerciante o Sr. Oscar Miranda, a família Rezende, Moraes e outras famílias, que fizeram uma comissão, chamaram os negros e propuseram aos mesmos, que seria depositado um dinheiro para fazer a nova igreja. Assim foi erguida a terceira igreja, com tijolos, telhas e voltada para o lado oposto da 2ª (inverteu-se a fachada da igreja), tendo o Sr. Manoel Naves, irmão do Sr. João Naves de Ávila, à frente da Comissão como "tesoureiro".

No que se refere à Igreja instituição, a Capela de Nossa Senhora do Rosário está sob a jurisdição da Catedral de Santa Teresinha, mas são os membros da Irmandade que se responsabilizam pela manutenção e cuidados com a mesma. Quanto a festa, não se sabe muito bem, se a Igreja apóia ou não. Mas parece que é dado aos padres da referida paróquia, a liberdade para apoiarem ou não o movimento, dando toda a contribuição necessária para a realização dos festejos.

Por falar na Catedral, é importante relebrar um fato muito interessante, ocorrido a anos atrás, referente à data da festa. Explicando melhor: a data exata da festa, é no último domingo de outubro, porém como a Catedral é que deveria ter o privilégio de realizar a festa por motivos de hierarquia e importância, ela ficou com essa data, proibindo qualquer manifestação por parte da Capela do Rosário nesse dia. Com isso, os membros da Irmandade marcaram uma nova data no segundo domingo de novembro (data atual), para não ficar muito próxima ao dia de Finados, daí a festa se realizar fora da data prevista pelo calendário. O tempo correu, hoje a Catedral nem se lembra da festa, mas ela perdura graças aos esforços da Irmandade.

Ao que tange à Secretaria Municipal de Cultura de Uberlân-

dia, segundo o que se fala, ela tem tido um papel importante na divulgação e fornecimento de infra-estrutura (sistema de som, etc.)' para a realização da festa. Pelo menos esse é o discurso corrente' a nível oficial. Mas permanece a dúvida, será que o movimento não' foi cooptado pelo poder local, para se manter? Será que a Secretaria não exige algo em troca pelo apoio dado? A estas perguntas, uma pesquisa com um cronograma mais extenso, poderá responder de maneira mais satisfatória.

CONCLUSÃO.

Embora tenha passado por muitos obstáculos e ainda encontre grandes desafios a serem superados, a festa de Nossa Senhora do Rosário é na atualidade uma realidade palpável dentro do contexto de Uberlândia.

É bem verdade, que o visual mudou um pouco, com roupas melhores, um maior número de Ternos, hoje são onze e um prestígio maior da população para com o evento.

Apesar da estrutura hierárquica representada pela Irmandade, que monopoliza a presidência nas mãos da família Nascimento, o movimento, pode-se dizer, ainda tem um certo cunho de espontaneísmo, atingindo boa parcela dos estratos mais baixos da população, ou seja, de caráter essencialmente popular.

Quanto ao papel da Secretaria Municipal de Cultura, em relação ao movimento, ela tem contribuído de maneira significativa. Para com este, embora tente às vezes, dirigí-lo e controlá-lo. O que por sua vez, não é o melhor caminho.

Enfim, a festa de Nossa Senhora do Rosário, faz parte da tradição cultural-religiosa do povo uberlandense, sendo por isso mesmo, passível de preservação pelos órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico-cultural e artístico da cidade.

BIBLIOGRAFIA.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma introdução à história. Brasília, S.P., 1986, 6ª ed.
- JUNQUEIRA, Márcia. Entrevista feita com o Sr. Manoel Rodrigues, mais conhecido por Sr. Siricoco, Capitão do Terno "Moçambique de Belém", e um dos mais antigos integrantes da Irmandade do Rosário.
- LE GOFF, Jacques e outros. Memória-História. Enciclopédia Einaudi - Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1984.
- LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. Bairro do Patrimônio: Salgadores e Moçambiqueiros. 1º Concurso de Monografias. Tema: Bairros de Uberlândia. Secretaria Municipal de Cultura, Uberlândia, 1986.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. Cortez, S.P., 1980, 5ª ed.
- THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Zahar, R.J., 1981.